



REFLEXÕES SOBRE A UTILIZAÇÃO DAS PLATAFORMAS DE VIDEOCONFERÊNCIA NUM MOMENTO DE ISOLAMENTO SOCIAL

Wallace Rodrigues¹

<http://orcid.org/0000-0002-9082-5203>

RESUMO

Este escrito busca pensar sobre a utilização acadêmica e educacional das várias plataformas digitais neste momento de isolamento social por causa da pandemia do coronavírus. Este escrito coloca-se, metodologicamente, como uma pesquisa teórica de cunho bibliográfico e videográfico. As discussões aqui apresentadas originam-se da compreensão da importância dessas plataformas digitais para a socialização de conhecimentos em um momento onde as tecnologias de informação e comunicação (TIC) demonstram serem necessárias à sobrevivência de várias instituições, inclusive as universidades e escolas.

Palavras-chave: Ensino; Tecnologias de informação e comunicação; Coronavírus.

THOUGHTS ON THE USE OF VIDEOCONFERENCE PLATFORMS IN A TIME OF SOCIAL ISOLATION

ABSTRACT

This paper seeks to think about the academic and educational use of the various digital platforms at this time of social isolation because of the coronavirus pandemic. This writing places itself, methodologically, as a theoretical research of bibliographic and videographic nature. The discussions presented here originate from the understanding of the importance of these digital platforms for the socialization of knowledge at a time when information and communication technologies (ICT) prove to be necessary for the survival of various institutions, including universities and schools.

Keywords: Teaching; Information and communication technologies; Coronavirus.

REFLEXIONES SOBRE EL USO DE PLATAFORMAS DE VIDEOCONFERENCIA EN TIEMPO DE AISLAMIENTO SOCIAL

RESUMEN

Este artículo busca pensar en el uso académico y educativo de las diversas plataformas digitales en este momento de aislamiento social debido a la pandemia de coronavirus. Esta escritura se coloca, metodológicamente, como una investigación teórica de naturaleza bibliográfica y videográfica. Las discusiones aquí presentadas se originan en la comprensión de la importancia de estas plataformas digitales para la socialización del conocimiento en un momento en que las tecnologías de la

¹ Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Pós-graduado (lato sensu) em Educação Infantil pelo Centro Universitário Barão de Mauá - SP. Licenciado pleno em Educação Artística pela UERJ e com complementação pedagógica em Pedagogia. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pós-Doutor pela Universidade de Brasília – UnB/POSLIT. Docente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire) e da Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL). Pesquisador no grupo de pesquisa Grupo de Estudos do Sentido - Tocantins – GESTO e no Grupo de Estudos e Pesquisa em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais, ambos da Universidade Federal do Tocantins – UFT. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9082-5203>. E-mail: walace@uft.edu.br

información y la comunicación (TIC) resultan necesarias para la supervivencia de varias instituciones, incluidas las universidades y las escuelas.

Palabras clave: enseñanza; Tecnologías de la información y la comunicación; Coronavirus.

Introdução

Este artigo nasce de nossas vivências e descobertas em um complicado momento para toda a humanidade: a pandemia do coronavírus. Como professor da disciplina da “Educação e Tecnologias Contemporâneas” nos vemos em uma posição de interrogação das possibilidades das tecnologias de informação e comunicação (TIC) em tal momento histórico.

Temos como objetivo principal refletir sobre a utilização das variadas plataformas digitais de videoconferência empregadas na atualidade. Como metodologia utilizamos uma análise qualitativa a partir de informações bibliográficas, tentando dar cabo de, pelo menos, começar a pensar sobre as TIC no ambiente acadêmico e escolar neste momento de isolamento social.

Começamos o desenvolvimento deste artigo pensando a partir de uma fala de Manuel Castells que nos impulsiona a refletir sobre as TIC na atualidade e, principalmente, no ambiente educacional. Daí iremos construindo nossa argumentação com o auxílio de uma bibliografia e uma videografia escolhida sobre a temática estudada. Finalizaremos com algumas considerações analíticas em caráter de fechamento, mas sem, definitivamente, encerrar as reflexões acerca das plataformas digitais de videoconferência neste momento de pandemia.

Reflexões sobre virtualidade, videoconferência e momentos de isolamento social

Manuel Castells, em um vídeo intitulado “Escola e internet: o mundo da aprendizagem dos jovens”, veiculado no *Youtube*, presenteia-nos a seguinte fala sobre os professores e os estudantes da atualidade em relação ao uso da tecnologia:

Neste momento, na Europa e nos Estados Unidos, não conheço os dados no Brasil, mas podem ser semelhantes, há 32% de abandono no ensino médio, jovens que decidem que não se interessam. Foram feitas pesquisas. Diziam

“é porque não querem estudar”. Não, não é isso. A razão mais importante é porque se entediam. Ou seja, não têm interesse no que lhes contam em aula. Porque eles são de uma cultura digital e lhes passam uma cultura analógica. Assim há uma dissonância cognitiva. Se vive em dois universos, e isso é novo. O que ocorreu agora é que os jovens de hoje vivem já, nasceram desenvolvidos em uma cultura completamente diferente, que mudou em uma velocidade extraordinária. E as instituições e os professores estão em outra era tecnológica. Não é que não utilizem internet, claro que **os professores também utilizam, mas não pensam internet, é diferente. É a mentalidade, não é o uso atual**, nem que saibam usar computadores, é a forma de ver a vida, é diferente. (CASTELLS, 2013, s/p, grifo nosso)

Nesta mesma linha de pensamento, o filósofo Leandro Karnal (2020), em uma *live*, transmitida em 25 de maio de 2020, diz-nos que: “a minha geração (...) insiste muito na presença real. Eu já percebi que entre pessoas de 15 e 16 anos a conversa virtual tem uma materialidade que não tem para mim.”

E é no sentido da materialidade do digital que as falas (foram realmente falas) de Castells e Karnal encontram-se. Os jovens veem uma certa materialidade na atmosfera virtual que os mais velhos não conseguimos perceber. Talvez seja esse “pensar internet” ao qual Castells se refere uma forma de mentalidade nova de ver o mundo, de perceber a realidade também através da virtualidade. A virtualidade passa a ser real para os jovens através das múltiplas possibilidades digitais atuais.

Se pensarmos a virtualidade como um espaço real, como pensam os jovens, ela também será um espaço de encontros. Daí a virtualidade ser um novo espaço de socialização, como nos disse Leandro Karnal. Mas não podemos esquecer que a virtualidade oferecida pelas ferramentas de comunicação e informação é expandida com o vasto uso da internet. Marco Silva fala-nos sobre este pensamento em relação à utilização das TIC na educação:

A Internet comporta diversas interfaces. Cada interface reúne um conjunto de elementos de hardware e software destinados a possibilitar aos internautas trocas, intervenções, agregações, associações e significações como autoria e co-autoria. Pode integrar várias linguagens (sons, textos, fotografia, vídeo) na tela do computador. A partir de ícones e botões, acionados por cliques do mouse ou de combinação de teclas, janelas de comunicação se abrem possibilitando interatividade usuário – tecnologia, tecnologia – tecnologia e usuário – usuário. Seja na dimensão do "um-um", do "um-todos", seja no universo do "todos-todos". Algumas das interfaces on-line mais conhecidas são chat, fórum, lista, blog, site e LMS ou AVA. Como ambientes ou espaços de encontro, propiciam a criação de comunidades

virtuais de aprendizagem. O professor pode lançar mão dessas interfaces para a co-criação da comunicação e da aprendizagem em sua sala de aula presencial e on-line. Elas favorecem integração, sentimento de pertença, trocas, crítica e autocrítica, discussões temáticas, elaboração, colaboração, exploração, experimentação, simulação e descoberta. (SILVA, 1999, p. 65)

Também, vale pensar que o ser humano, sendo um ser essencialmente social, necessita de laços de pertencimento a um grupo para ter “forças”, para ter seu lugar no mundo reconhecido. O exemplo primeiro disto é a família, mas os jovens atuais geralmente detêm um grande círculo de amigos virtuais. E como nos informou Karnal, para os jovens de hoje, a amizade virtual também têm uma certa materialidade, já que as redes sociais são algo real para eles. Tais amizades virtuais, são, portanto, compreendidas como verdadeiras amizades.

No entanto, o isolamento social causado pela pandemia do coronavírus fez com que nós, os não tão jovens e que não pensamos internet, sejamos obrigados a adotar o que Boaventura de Sousa Santos chamou de “elasticidade social”:

A elasticidade do social. Em cada época histórica, os modos de viver dominantes (trabalho, consumo, lazer, convivência) e de antecipar ou adiar a morte são relativamente rígidos e parecem decorrer de regras escritas na pedra da natureza humana. É verdade que eles se vão alterando paulatinamente, mas as mudanças passam quase sempre despercebidas. A irrupção de uma pandemia não se compagina com esta morosidade. Exige mudanças drásticas. (SANTOS, 2020, p. 6)

Neste momento de isolamento por causa da pandemia do coronavírus, os mais velhos pensamos na valorização da presença do outro e na interação social física, enquanto os mais jovens bastam-se com as conversas via *whatsapp*, por exemplo. As ausências físicas parecem mais profundas para uma senhora de 75 anos do que para um jovem de 19 anos. Enquanto a senhora surta e vai parar na casa da filha mais velha de surpresa, o jovem vive sua quarentena de forma relaxada e despreocupada no conforto de sua casa (damos um exemplo de caso em nossa família).

Notemos que a percepção de duas sociabilidades: uma que podemos chamar de “analógica” e outra de “digital”, como já nos disse Castells. Para os mais velhos, falta-nos a conversa com o amigo de bar, falta-nos o abraço dos familiares, falta-nos o aperto de mão do vizinho etc.

E este momento de isolamento pede de nós mais conhecimentos não somente de comunicação digital, mas também de abertura ao novo proposto pelos mais jovens. Marco Silva fala-nos sobre a lógica interativa que abarca as TIC na atualidade:

Interatividade é a modalidade comunicacional que ganha centralidade na cibercultura. Exprime a disponibilização consciente de um mais comunicacional de modo expressamente complexo presente na mensagem e previsto pelo emissor, que abre ao receptor possibilidades de responder ao sistema de expressão e de dialogar com ele. Representa um grande salto qualitativo em relação ao modo de comunicação de massa que prevaleceu até o final do século XX. O modo de comunicação interativa ameaça a lógica unívoca da mídia de massa, oxalá como superação do constrangimento da recepção passiva. (SILVA, 1999, p. 64)

Vivemos, portanto, numa época de cibercultura e devemos nos aproveitar de tudo que ela nos oferece para criar algo novo ou, pelo menos, recriar a partir do que temos. E neste momento de isolamento social por causa de uma pandemia, a interatividade acaba dando-se por vias digitais, como as plataformas de videoconferência. Sobre interatividade, Silva fala-nos, ainda, que:

Os fundamentos da interatividade podem ser encontrados em sua complexidade nas disposições da mídia on-line. São três basicamente: a) participação – intervenção: participar não é apenas responder “sim” ou “não” ou escolher uma opção dada, significa modificar a mensagem; b) bidirecionalidade – hibridação: a comunicação é produção conjunta da emissão e da recepção, é co-criação, os dois pólos codificam e decodificam; c) permutabilidade – potencialidade: a comunicação supõe múltiplas redes articulatórias de conexões e liberdade de trocas, associações e significações. (SILVA, 1999, p. 64-65)

Dentro desta lógica da interatividade, vemos que neste momento de trabalho remoto, muitas pessoas estão se utilizando das mais variadas plataformas de videoconferência para fazerem reuniões, atenderem pacientes (como no caso de médicos, psicólogos, etc) e para executarem apresentações *online*, as famosas *lives*, entre outras atividades. Algumas das plataformas mais utilizadas são: *Google Meet*, *Zoom*, *Soul.me*, *Skype*, *WhatsApp*, *Facebook Messenger*, *Jitsi*, *Line*, entre várias outras disponíveis. Sendo a maioria destas plataformas de obtenção gratuita.

Tais plataformas podem juntar um bom número de pessoas em uma reunião

fechada. No entanto, pode haver interrupção proposital ou não na reunião, causando perturbações e, em alguns casos, fazendo com que a reunião ou *live* seja finalizada. Daí uma necessidade de verificar quem entra na sala de reunião ou *live*, autorizando ou não o acesso de todos.

Vale lembrar que uma vantagem da videoconferência é a sincronicidade, além de ser possível ver a imagem do usuário, ouvi-lo, poder dialogar com ele e apresentar informações, como, por exemplo, *slides* ou outras formas de imagens. As pessoas se encontram em uma hora marcada para participarem da videoconferência. A nosso ver, a videoconferência é um avanço do conhecido *chat*.

Estas plataformas de videoconferência são espaços democráticos por natureza, pois instigam à interação, mas podem também fazer com que algumas pessoas sejam bloqueadas ou que somente o microfone do palestrante principal funcione, enquanto os outros participantes somente são autorizados a escutar. Tal ferramenta pode ser bastante eficiente em algumas ocasiões de tentativa de interrupção não-pacífica da reunião ou *live*.

Outro ponto importante a mencionar é a necessidade de um computador com câmera, microfone e bom acesso à internet. Sabemos que muitas de nossas instituições educacionais públicas tiveram que suspender as aulas porque os estudantes não tinham acesso à internet ou a qualidade da internet não era boa o suficiente para manter-se num *chat*, sala *online*, *live*, etc.

Nesta mesma linha de pensamento, Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida informa-nos das vantagens de aprender via TIC e como participante de um grupo de aprendizagem:

Por meio de interações favorecidas pela TIC, cada participante do grupo confronta sua unidade de pensamento com a universalidade grupal, navega entre informações para estabelecer ligações com conhecimentos já adquiridos, comunica a forma como pensa, coloca-se aberto para compreender o pensamento do outro e, sobretudo, participa de um processo de construção colaborativo, cujos produtos decorrem da representação hipertextual, comunicação, conexão de idéias no computador, levantamento e teste de hipóteses, reflexões e depurações. (ALMEIDA, 1999, p. 72)

No entanto, as plataformas de videoconferência são ferramentas propícias para a exploração do trabalhador, principalmente daqueles que podem executar atividades a

distância. Elver Moronte explica-nos como funciona a atividade de *home office*:

As atividades desempenhadas de forma distanciada, mediadas pela tecnologia, estão baseadas em uma relação altamente reificada, onde o trabalho está fragmentado, dificultando a compreensão e o entendimento da totalidade e do seu próprio significado pelos trabalhadores. O trabalho está escondido em registros numéricos, resultados, documentos, tabelas, gráficos e planilhas. Ocorre que a tecnologia permite um controle enorme sobre o trabalho, assim como sobre o trabalhador, no caso do *home office*. Vários aspectos podem ser controlados, mas o mais importante deles é o produto do trabalho. Quando temos a avaliação do trabalho baseada nos resultados obtidos, há grande risco ao trabalhador. Isso porque, na maioria das vezes, o resultado obtido não corresponde à quantidade de energia dispensada pelo ele para alcançar os resultados. Nesse caso, todo o trabalho realizado que não obteve o resultado esperado é considerado inútil e não é contabilizado. Causa-se uma grande situação de injustiça, onde se avalia o resultado obtido, sem levar em conta todo o esforço despendido. O trabalhador é convocado, portanto, a se superar, ampliando os horários estipulados, além de buscar formas de trabalho mais eficazes, de olho nos resultados. (MORONTE, 2020, p. 222-223)

Nesta perspectiva, as reuniões de trabalho ou estudo executadas através de plataformas de videoconferência também vão no sentido da exploração do trabalho num período neoliberal como o nosso, pois o trabalhador ou estudante deve ter uma performance de acordo com patamares impostos por aquele que demandam as atividades laborais. Os professores somos obrigados a compor videoaulas ou a eternas *lives*. E, em alguns momentos, há tantas *lives* sendo ofertadas que não conseguimos acompanhar nem um décimo delas.

Ainda, as desigualdades sociais brasileiras são escancaradas, principalmente num momento como este de isolamento social, revelando as múltiplas facetas das várias vulnerabilidades dos cidadãos menos favorecidos financeira e socialmente.

Tal crise faz-nos olhar para as questões sociais que já existiam e pelas quais passávamos sem desejar percebê-las. Jiliana Neuenschwander e Marcus Giraldes apontam para tal direção:

No contexto de uma sociedade que se reconhece global justamente porque fez do mundo um grande mercado de exploração e de consumo, ou uma grande roleta para as finanças, as questões e tarefas que a pandemia nos evidencia precedem a mesma. Os danos humanos causados pela COVID-19 intensificam e tornam mais evidentes problemas previamente existentes.

Iminentes a essas questões e tarefas, como já afirmara Marx, estão as possibilidades de combatê-las ou, melhor, **a necessidade de se assumir a responsabilidade pelas decisões necessárias ao seu enfrentamento.** (NEUENSCHWANDER; GIRALDES, 2020, p. 48, grifo nosso)

Vemos, ainda, que num momento como este, de isolamento social por causa de uma pandemia, trabalho e estudo a distância não são uma alternativa para a maioria dos brasileiros que vivem na informalidade. E tal informalidade laboral é extremamente incentivada pelas políticas públicas neoliberais do atual governo federal. Jane Gizzi e Ricardo de Mendonça nos revelam que:

A necessidade de confinamento como único meio eficaz de evitar o colapso no sistema de saúde e, com isso, propiciar a todos o recebimento de tratamento adequado, traz consigo questões das mais complexas, já que o isolamento social passa a ser um privilégio acessível apenas a uma parcela da população. Não se pode deixar de lembrar que milhões de brasileiros não tem moradia, e outros tantos não têm acesso à água potável, de modo que sua extrema vulnerabilidade os coloca no mais alto risco de sucumbir. A crise sanitária que abate o mundo não encontra paralelo na história recente da humanidade. Seus efeitos sobre a vida, os sistemas de saúde nacionais e a economia mundial, são catastróficos e só comparáveis, no último século, aos efeitos da segunda guerra mundial (GIZZI, MENDONÇA, 2020, p. 231)

Assim, neste momento de crises, vemos que as TIC não podem fazer parte de um sistema de manipulação dos trabalhadores e exploração do trabalho, como acontece em nossos tempos atuais de uberização¹ da economia mundial. Tal uberização encontra lugar fértil para expandir-se nas economias emergentes, onde os sistemas de controle de trabalho formal são mais frágeis.

Neste sentido, o trabalho em casa (*home office*) durante a quarentena parece colocar-se para alguns profissionais como estafante e fora do controle de horários. Tal precariedade (esperamos que momentânea) pode levar ao excesso de trabalho e à uberização

1 Entendemos por uberização do trabalho o pagamento do trabalhador menos qualificação para a realização de serviços sem vínculos empregatícios. Tais trabalhadores são pagos por serviço executado, como no caso dos motoboys entregadores. Tal termo nasce do aplicativo de serviços de transporte Uber, oferecido para trabalhadores que possuem um carro e que prestam serviços de transporte de pessoas sem nenhum vínculo empregatício ou garantias trabalhistas. Tal concepção de pagamento do trabalho por tarefa executada precariza o mercado de trabalho formal e desintegra qualquer possibilidade de garantia trabalhista em caso de acidentes, enfermidades, morte, pensão, aposentadoria, etc.

de determinadas profissões, incluindo a de professores.

No caso específico das instituições de ensino, se um profissional docente consegue dar aulas a distância, ele pode gravar tais aulas e ser dispensado pela empresa. Tal empresa detêm os direitos de exibição dos vídeos gravados e pode utilizá-los quando bem entender. Isso não é uma fantasia e já acontece em empresas universitárias particulares que oferecem cursos de graduação a distância. Muito do conteúdo desses cursos está organizado em videoaulas que foram gravadas para serem exibidas quando fosse necessário.

Neste mesmo caminho, Paulo Freire, Moacir Gadotti e Sérgio Guimarães nos falam sobre os “explorados” do sistema capitalista e a importância da conscientização, pois nós trabalhadores assalariados devemos tomar consciência de nossa situação de opressão e buscar agir sobre ela:

[...] jamais afirmei que devêssemos, primeiro, criar escolas de conscientização para depois, com as massas populares “preparadas”, transformar a sociedade. É na experiência de serem exploradas e na prática de arregimentar-se para superar a situação concreta de opressão que as classes populares se conscientizam. Por isso, a mobilização que implica a organização para a luta é fundamental à conscientização, que é algo mais profundo que a pura tomada de consciência, a *prise de conscience* dos franceses. A tomada de consciência, o dar-se conta dos fatos sem deles, porém, alcançar a razão de ser, prescinde da luta. A conscientização é a tomada de consciência que se aprofunda. Esse aprofundamento é gerado na práxis e a reflexão sobre a própria luta que iniciou o processo de conscientização o intensifica. E um ciclo dinâmico. (GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1995, p. 87)

Ainda, como nos relatam Gadotti, Freire e Guimarães, os trabalhadores devem dar-se conta da exploração a qual estão submetidos para poderem começar a compreender tal processo de exploração e articularem-se contra ele de várias maneiras. Esperemos que isso, de verdade, aconteça.

Acreditamos que o momento pós-pandemia será um momento de reflexão sobre a vida do homem no planeta e sobre novas formas de socializar, de trabalhar, de brincar, de estudar, de ensinar, etc. O homem deverá buscar um modelo de saída deste capitalismo feroz e neoliberal que subjuga-nos a todos. Boaventura de Sousa Santos fala-nos desta necessária mudança de vida no pós-pandemia:

A nova articulação pressupõe uma viragem epistemológica, cultural e ideológica que sustente as soluções políticas, económicas e sociais que garantam a continuidade da vida humana digna no planeta. Essa viragem tem múltiplas implicações. A primeira consiste em criar um novo senso comum, a ideia simples e evidente de que sobretudo nos últimos quarenta anos vivemos em quarentena, na quarentena política, cultural e ideológica de um capitalismo fechado sobre si próprio e a das discriminações raciais e sexuais sem as quais ele não pode subsistir. A quarentena provocada pela pandemia é afinal uma quarentena dentro de outra quarentena. Superaremos a quarentena do capitalismo quando formos capazes de imaginar o planeta como a nossa casa comum e a Natureza como a nossa mãe originária a quem devemos amor e respeito. Ela não nos pertence. Nós é que lhe pertencemos. Quando superarmos esta quarentena, estaremos mais livres das quarentenas provocadas por pandemias. (SANTOS, 2020, p. 31-32)

Esperemos, assim, que o homem mude sua forma de pensar e que os nossos encontros virtuais via videoconferências ajudem-nos a ressignificar o valor que damos às relações físicas em comunidade. Pois, para um povo tão dado ao toque como nós brasileiros, a interação através do espaço virtual chega a ser quase que desumana.

Considerações finais

Este texto buscou pensar sobre as TIC, mais especificamente as plataformas de videoconferência, e suas vastas utilizações neste momento de isolamento social e de trabalho remoto que estamos vivendo por causa da pandemia do coronavírus.

Vimos que as plataformas de videoconferência são oferecidas via internet de forma gratuita em sua maioria e que são amplamente utilizadas nas instituições educacionais. Há que se procurar uma interface que agrade ao usuário e que tenha alguns recursos específicos que deseja utilizar, como bloqueador de microfone e/ou de imagem, por exemplo.

Várias são as plataformas que podem suportar apresentações de *slides*, o que facilita muito quando se deseja informar de maneira clara e concisa sobre determinado tema. Ainda, os *slides* podem guiar a apresentação em uma determinada direção desejada, facilitando o manuseio da informação para um objetivo específico.

Não podemos nos esquecer que a utilização das várias plataformas de videoconferência também pode levar à exploração do trabalhador de *home office*. Ainda, tais

plataformas deixam-nos constatar as gritantes vulnerabilidades sociais, educacionais, sanitárias, entre tantas outras, de grande parte da população brasileira.

Concluindo, vemos que as plataformas de videoconferência nunca substituirão o contato pessoal entre colegas de trabalho ou estudantes. Elas são ferramentas das quais nos estamos valendo para enfrentar este momento de isolamento social, mas a interação por tais plataformas têm um limite, pois faz com que demandemos e valorizemos muito mais os contatos físicos, já que o ser humano é, por natureza, um ser social.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimentos. **Tecnologias na escola**. MEC/Seed/ProInfo, 1999, pág. 70-73. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf>>. Acesso em: 15 de jun. de 2020.

CASTELLS, Manuel. Escola e internet: o mundo da aprendizagem dos jovens. **Fronteiras do Pensamento**. 2013. Postado em 12 de jan. de 2015. Okna Produções. Telos Empreendimentos culturais. 04M09s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J4UUM2E_yFo>. Acesso em 08 de jun. de 2020.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia: diálogo e conflito**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GIZZI, Jane Salvador de Bueno; MENDONÇA, Ricardo Nunes de. A crise do trabalho e a covid-19: o futuro não é mais como era antigamente. IN: **Pandemias e pandemônio no Brasil**. AUGUSTO, Cristiane Brandão; SANTOS, Rogério Dultra dos (org.). São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020, pág. 229-246.

KARNAL, Leandro. Como lidar com a solidão. **Mariana Ferrão**. Transmitido ao vivo em 25 de mai. de 2020. 55m36s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IkllmKhRzYA>>. Acesso em 08 de jun. de 2020.

MORONTE, Elver Andrade. A pandemia do novo coronavírus e o impacto na saúde mental de trabalhadores e trabalhadoras. IN: **Pandemias e pandemônio no Brasil**. AUGUSTO, Cristiane Brandão; SANTOS, Rogério Dultra dos (org.). São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020, pág. 219-228.

NEUENSCHWANDER, Juliana; GIRALDES, Marcus. “Amanhã vai ser outro dia”? Reflexões sobre as questões do presente no mundo em crise. IN: **Pandemias e pandemônio no Brasil**. AUGUSTO, Cristiane Brandão; SANTOS, Rogério Dultra dos (org.). São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020, pág. 45-62.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina,

Abril 2020.

SILVA, Marco. Internet na escola e inclusão. IN: **Tecnologias na escola**. MEC/Seed/ProInfo, 1999, pág. 62-68. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf> >. Acesso em: 09 de mai. de 2020.

Revisão gramatical realizada por Jane Guimarães Sousa.

E-mail: jainegs@yahoo.com.br

RECEBIDO 17 DE JUNHO DE 2020.

APROVADO EM 1º DE DEZEMBRO DE 2021.